

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Mestrado  
Disciplina: Organização Social e Parentesco HS 181 - A  
I Semestre de 2011. Horário: Quartas-feiras, 9:00-13:00.  
Prof. Mauro W. Barbosa de Almeida  
e-mail: [mwba@uol.com.br](mailto:mwba@uol.com.br)  
Atendimento: quarta-feira à tarde ou a combinar.

### Introdução

O estudo do parentesco está na base da história da antropologia como campo de pesquisa e de teorização. A disciplina tem portanto o papel de introduzir o estudante ao pensamento antropológico e a seus debates teóricos e metodológicos. O assunto, longe de ser ultrapassado, permanece crucial para a compreensão da vida social. Este curso, assentado sobre essas premissas, constitui uma introdução aos estudos de parentesco, e ao mesmo tempo à teoria antropológica em uma das suas vertentes.

Para muitos, a contribuição original da antropologia para a teoria social é a teoria do parentesco, criada por Lewis Morgan com uma obra monumental publicada em 1871. Ao lado de outros autores do mesmo período, Morgan descobriu que além das sociedades organizadas "de classes" há as sociedades, muito mais numerosas, organizadas por "parentesco". Essa visão bipartida tem paralelo em dicotomias formuladas por outros autores: contrato/status (Maine 1861), comunidade/sociedade (Tönnies 1887), solidariedade mecânica/solidariedade orgânica (Durkheim 1893), tradição/racionalidade (Weber 1922).

A descoberta exclusiva de Morgan, porém, foi que as sociedades "organizadas pelo parentesco" possuem distintos "sistemas de parentesco", contrastando agudamente com os "sistemas de parentesco modernos", e diferentes entre si. Morgan inventou não apenas o objeto "parentesco", mas um método para estudá-lo comparativamente em escala mundial. Este método coloca Morgan na posição de fundador da teoria das redes sociais. Vista como uma rede social, a sociedade não é o ponto de partida (como em Durkheim 1912) mas o ponto de chegada de relações. O ponto de partida de Morgan atacado pela antropologia boasiana que dominou o cenário acadêmico na América do Norte durante a primeira metade do século XX (Kroeber é autor de uma crítica influente). Sua teoria do parentesco como base da organização social de sociedades sem Estado foi retomada pela antropologia inglesa, com Rivers e com Radcliffe-Brown, os quais separaram a teoria de Morgan de seu componente evolucionista. Malinowski rejeitou a obsessão pela "estrutura" (que podia degenerar na "álgebra do parentesco"), mas estabeleceu o "processo" e a dinâmica na análise relacional do parentesco. Essas linhas de análise com foco na "estrutura" e no "processo" atingiram seu auge durante e após a II Guerra com as monografias de Evans-Pritchard (*Os Nuer* 1940, *Kinship and Marriage*

*among the Nuer* 1951) e Meyer Fortes (*The Dynamics of Clanship among the Tallensi* 1945 e *The Web of Kinship among the Tallensi* 1949): em cada caso, uma obra sobre a “estrutura” (redes-árvore) e outra sobre “processo” (redes-rizoma).

A essa altura, na França, Lévi-Strauss abria outro caminho para a análise de redes de parentesco, ao analisa-la como uma rede de trocas sociais. A grande obra de Lévi-Strauss intitulada "Estruturas Elementares do Parentesco" pode ser vista como a retomada do projeto comparativo de Morgan sob bases estruturais. Podemos incluir nessa renovação dos estudos de parentesco a teoria de Louis Dumont sobre sociedades "dravidianas". Lévi-Strauss limitou seu tratado a sociedades cujas estruturas de parentesco seriam "elementares", e apontou para sociedades dotadas de estruturas "complexas", onde estruturas são por engendradas por estratégias. Nos EUA, emergiu já na década de 1950 uma outra vertente que retomou os estudos de terminologias de parentesco, inspirada em métodos da linguística estrutural (Lounsbury, Goodenough).

Os estudos de parentesco inspirados no ponto de partida de Morgan, e desenvolvidos pela antropologia funcionalista inglesa na Inglaterra, e pela antropologia estrutural na França, sofreram uma contestação radical a partir da década de 1970. Nos Estados Unidos, David Schneider declarou que o parentesco não existia – era uma invenção de antropólogos apoiada em uma ideologia moderna, cuja versão norte-americana Schneider analisou. Marilyn Strathern escreveu o outro manifesto importante sobre o parentesco como um sistema cultural – desta vez como ideologia especificamente inglesa. Curiosamente, o ataque ao objeto-parentesco, em vez de sepultar o assunto, de origem a uma nova onda de estudos de parentesco, batizados de "novos estudos de parentesco". Os "novos estudos de parenteões de gênero voltam-se para temas como o parentesco tecnologias reprodutivas, gênero, substância corporal e pessoa (qual é o divisor entre aborto e assassinato, e quando termina a vida humana para doentes comatosos?). Cabe lembrar que entre nós a equipe de pesquisa do PAGU, no IFCH, é uma linha de frente nesses "novos estudos".

A antropologia feita no Brasil destaca-se por sua contribuição própria aos estudos clássicos de parentesco. Esses estudos retomaram a tradição estrutural de Lévi-Strauss e de Louis Dumont, aplicando-a às sociedades indígenas sul-americanas. Temas como "dravidianato" (estimulado também pelo reexame de Thomas Trautmann) mostraram-se fecundos (pesquisadores do Museu Nacional liderados por E. Viveiros de Castro, bem como da USP), bem como o tema da "casa" (Vanessa Lea na UNICAMP).

O programa do curso será divulgado posteriormente, juntamente com a bibliografia e procedimentos de avaliação.